

A SOCIOESPACIALIDADE DA COMUNIDADE SANTA RITA DE CÁSSIA DA VALÉRIA NO INTERIOR DO MUNICÍPIO DE PARINTINS- AM

Afonso Xavier Ferreira¹

João D'Anuzio Menezes de Azevedo Filho²

RESUMO

Compreender a dinâmica de uma comunidade na Amazônia requer o entendimento das relações sócio-espaciais envolvendo seu envolvimento com o meio urbano. No caso da comunidade de Santa Rita de Cássia da Valeria, a leste do município de Parintins, ainda é um tema a ser discutido, pois trata-se de um espaço rural m as que apresenta características e urbano, dado sua proximidade com a cidade de Parintins e da introdução da energia elétrica na comunidade. Os agentes sociais produtores do espaço na comunidade estudada fazem com que possa se pensar numa vida pacata e com forte harmonia com a natureza, mas isso vem mudando atualmente. A Santa Rita passa de um modo de vida peculiar às comunidades isoladas da Amazônia para uma vida semi-urbana e nos últimos anos é fortemente influenciada pela visita de turista de transatlântico na região. O objetivo deste trabalho é conhecer essas modificações no espaço local e as transformações ocorridas na vida dos comunitários, principalmente pela história contada pelos antigos moradores. Os resultados apontam para uma preocupação com as mudanças ocorridas nos últimos anos e o crescimento dos problemas sociais, ambientais e de saúde da população, que deve ser levado em consideração na decisão de políticas publicas para essa e outras comunidades rurais da região.

Palavras -chave: Espaço Rural, Amazônia, modernização, comunidade

¹ Graduando em Licenciatura em Geografia, Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP/UEA), email: afonsoferreira@bol.com.br.

² Dr., Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amazonas- CESP/UEA.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar uma melhor compreensão a cerca do estudo referente à Comunidade de Santa Rita de Cássia da Valéria, localizada a leste do município de Parintins limite com o Estado do Pará, que tem como um dos atrativos naturais mais conhecidos da região do Baixo Amazonas, a Serra de Parintins, além de um complexo de lagos, furos e paranás e de ilhas de formação aluvial Quaternária sujeita à enchente do rio Amazonas. Com esse designo a pesquisa voltou-se para a problemática da sócioespacialidade porém bastante presente no meio social da comunidade Santa Rita da Valeria, com isso no período de estagio ocorrido na comunidade (objeto deste estudo) foi feito um levantamento histórico para alcançar respostas mais adequadas sobre o assunto proposto foram realizados coletas de dados durante o mês de outubro de 2013, com entrevista abertas a trinta e sete moradores, para assim mostrarmos um resultado evidente que possibilitou montar um perfil sócio econômico e espacial da comunidade e um breve histórico da área com os mais antigos moradores.

A comunidade atualmente tem sessenta famílias que moram em casas de madeira, em sua maioria, mas que legalmente não têm direito a propriedade dos terrenos que pertencem, a princípio, à Diocese de Parintins que, no período da instalação das famílias, fez uma doação informal dos mesmos, sem a necessidade dos moradores pagarem por isso. Até hoje não foi requerida a propriedade ou direito de uso da terra. Todavia, os moradores além da residência usufruem dos recursos naturais que a área lhes propicia, através da agricultura familiar e da pesca, para sua sobrevivência.

É importante salientar que a comunidade atualmente é beneficiada por vários programas federais e estaduais, ajudando no desenvolvimento da referida comunidade, como Bolsa Família, PRONAF (Programa Nacional de Agricultura Familiar), projeto ambiental “pé de pincha”, entre outros. A comunidade conta também com agentes de saúde e um policial, uma escola municipal que tem até o ensino médio completo, energia elétrica, água encanada nas casas e um telefone público. Dessa configuração, a pesquisa ajustou uma ampla concepção a questão

direcionada ao tema deste trabalho. O trabalho também apresenta os dados coletados que foram estudados e que serão mostrados neste trabalho.

Portanto espera-se que este trabalho venha incentivar a comunidade a fim de proporcionar um entendimento maior dos acontecimentos do cotidiano motivando e envolvendo a comunidade nas atividades sócio–espaciais, dando assim uma melhor visão da realidade que permeia em torno da sócio-espacialidade e convivência em sociedade trazendo contribuições bastantes favoráveis para a comunidade.

1 LOCALIZAÇÃO DA ÁREA E METODOLOGIA

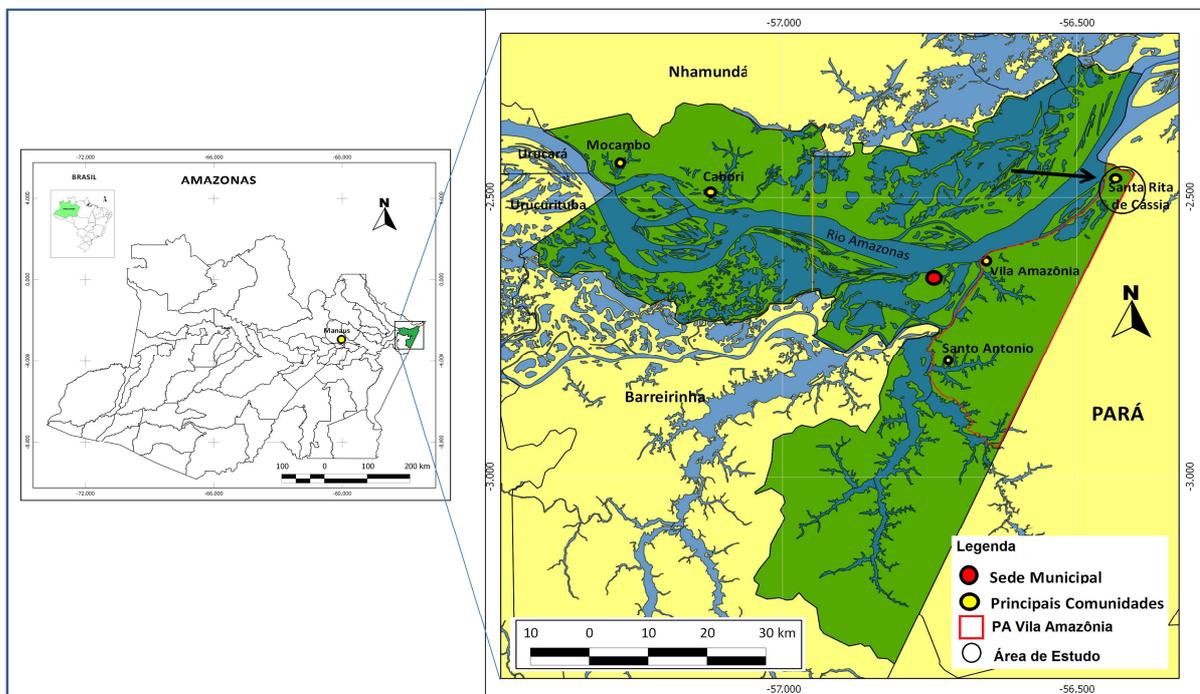


Figura 1: Parintins - Localização da área de estudo.
Fonte: IBGE (2010), elaborado por J D Azevedo Filho

A área de estudo compreende a Comunidade de Santa Rita de Cássia da sub região da Valéria, no município de Parintins, no extremo leste do estado do Amazonas (figura 1). A região da Valéria está dentro do Projeto de Assentamento de Vila Amazônia, coordenado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

A metodologia foi realizada da seguinte maneira: primeiramente, foi feito um levantamento bibliográfico sobre a temática nos meses de julho a agosto de 2013, em seguida no mês de setembro/ 2013 houve a elaboração de formulários semi-estruturados que foram aplicado a 37 moradores da comunidade no mês de outubro/2013, abarcando questões sociais, econômicas e políticas da localidade. Ainda, no mês de março, foi realizado o registro fotográfico da área de estudo.

Dados obtidos por Azevedo Filho (2013), baseados nos resultados do Censo de 2010, aponta que a população dessa região da Valéria é de 2.527 habitantes em 509 domicílios. Sendo que a comunidade de Santa Rita de Cássia é a maior com 30% da população total, seguido da Comunidade de São Paulo e Bete Semes (tabela 1).

No momento ressalta o trabalho científico e a concretização de pesquisa sobre o referido assunto, a pesquisa foi realizada nas próprias comunidades por um bom período. Desse modo pode-se ter uma visão mais significativa sobre a sócio espacialidade, a comunidade onde foi realizada a pesquisa mostram os resultados da população de cada uma das comunidades e sua porcentagem populacional. A tabela apresenta a importância de se trabalhar dessa forma reconhecendo a realidade de cada comunitário.

Comunidade	População	%
Bete Semes	197	13
Betel	159	11
Samaria	98	7
Santa Rita de Cássia	447	30
São Paulo	201	13
Menino Deus	124	8
Nossa Senhora do P Socorro	135	9
Santa Maria do Murituba	82	5
Ssma Trindade do Laginho	60	4
Total	1.503	100

Tabela 1 – Comunidades da Região da Valéria e Paraná de Parintins.

Fonte: Azevedo Filho (2013), estimativa do autor para 2012, baseado no Censo de 2010 (IBGE, 2011)

Para a construção do breve histórico da comunidade, foi elaborado no mês de outubro/ 2013 um roteiro de perguntas abertas, apenas como guia de acompanhamento para as entrevistas que teve como público alvo, os moradores mais antigos da comunidade. Compreendeu-se assim a importância da estimativa do autor com base no censo que desenvolveu conhecimentos referentes à população da região da Valéria, seus habitantes e domicílios sendo que Santa Rita tem a maior população, que visa debater as questões conflitantes que estão em constantes transformações, como no caso os problemas socioespaciais.

2. BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE SANTA RITA DA VALÉRIA

A comunidade de Santa Rita de Cássia da Valéria surgiu há mais de 150 anos, segundo moradores mais antigos da região, através de relatos obtidos a partir de um roteiro de entrevistas. A comunidade em sua reprodução socioespacial, em nenhum momento apresentou desenvolvimento econômico acelerado que fosse percebido pelos moradores, pois existe um embargo por parte da compra e venda de terras, em vista que, a Igreja Católica é a responsável pela organização e manutenção dos terrenos. Segundo Milton Santos (2007), o homem do campo é menos titular de direitos que a maioria dos homens da cidade, já que os serviços públicos essenciais lhe são negados.

Segundo Azevedo Filho (2013), baseado em Silva et al (2009), a origem da comunidade remonta os anos 1920. Todavia há resquícios arqueológicos da ocupação por vários povos na localidade em vários períodos. Essa pesquisa realizada pela Universidade do Estado do Amazonas sobre a presença dos artefatos arqueológicos na Comunidade de Santa Rita aponta algumas respostas para o processo de ocupação da região e a produção cerâmica. De acordo com Neves (2006, p.81)

Dados sobre o início da produção cerâmica na Amazônia mostram que as datas mais antigas estão em torno de 5.000 e 3.500 a. C., bem antes da adoção da agricultura. As cerâmicas mais antigas das Américas estão localizadas no Baixo Amazonas, próximo à Santarém. No Baixo Amazonas há um trecho que vai do rio Trombetas e Amapá à leste, até a região das cidades de Nhamundá, Parintins e Maués no Amazonas, a oeste, onde é

possível encontrar sítios com cerâmicas de grande beleza pertencentes à chamada tradição Incisa e Ponteada, datados do ano 1.000.a.C a 1.500 d.C., ou seja, até o início da colonização europeia. Eles podem ser bastante grandes, com vários hectares de área e terras pretas antrópicas, indicando que eram grandes aldeias sedentárias ocupadas por populações numerosas. Neves (2006) salienta que talvez as cerâmicas mais conhecidas dessa tradição sejam as cerâmicas tapajônicas ou de Santarém

Os autores citam que a produção de cerâmica deu início as mais antigas na Amazônia bem antes da agricultura localiza-se próximo a Santarém no Pará, Rio Trombetas, Amapá e cita também que as cerâmicas mais conhecidas são as tapajônicas assim também se aproximam das cerâmicas encontradas na Região da Valeria. Para Silva, Souza e Fonseca (2009, p. 81):

Outras cerâmicas que pertencem à tradição Incisa e Ponteada foram identificadas próximo à Santarém, na região dos rios Nhamundá e Trombetas, assim como na região de Parintins, e são conhecidas como Kondori. Essas cerâmicas apresentam uma decoração modeladas em motivos antropomórficos e zoomórficos. A diferença das cerâmicas tapajônicas é que os vasos são geralmente maiores. Os fragmentos desses vasos são denominados pelos moradores locais como “caretas” e frequentemente encontradas em áreas de terra preta e roças por toda a região do Baixo Amazonas

Segundo os autores, não se pode afirmar, dados os níveis de conhecimento até agora adquirido, quais os povos que ocuparam a região e deixaram os vestígios. Apontam poder tratar-se dos tupinambá que se casaram e aparentaram-se com os índios Aratu, Apocuitara, Godui, Yara e Curiatós que habitaram a margem esquerda do rio Amazonas (SILVA, SOUZA e FONSECA, 2009 p 81).

A comunidade só veio a se consolidar na década de 1940, quando houve a construção da primeira igreja em formato de barracão, idealizado pela Igreja Católica - Prelazia de Parintins, atualmente Diocese de Parintins, comandada pelos Padres do PIME. A partir da década de 70, segundo relatos dos moradores, turistas passaram a visitar os sítios arqueológicos da região da Valéria e praticar caminhadas em trilhas na Serra de Parintins.

A maior dificuldade que existia no início da formação da comunidade foi com relação ao aparecimento de doenças e a ausência de agentes de saúde para atender as demandas dos moradores. O transporte mais utilizado pelos antigos

moradores era a canoa a remo, que para chegar à cidade de Parintins levava em média 12 horas.

Para os moradores que responderam, no questionário, o que é comunidade rural, a maioria relacionou-a com grupo de pessoas ou famílias que moram em uma pequena área, socializando alimentos, trabalho e valores entre si, apesar de não terem o conforto da cidade.

3. REPRODUÇÃO SOCIAL: COTIDIANO DOS MORADORES DE SANTA RITA

Há tempos atrás, a vida nas comunidades rurais era mais tranquila, os ribeirinhos conviviam em harmonia no seu mais belo cenário, juntamente com o rio, lagos e florestas e sobreviviam da pesca e da caça, retirando da natureza apenas o essencial para a sua sobrevivência.

Com as inovações tecnológicas o homem rural teve que se adaptar aos sofisticados produtos industrializados, o natural se transformou e o que era selvagem passou a ser domesticada, desde as plantas até os animais, a pesca em larga escala se tornou predatória pois, agora visa o lucro, a roça que era de subsistência tornou-se comercial e novas atividades econômicas surgiram.

Havia uma relação de respeito com a natureza mantida pelos moradores mais antigos, herança tradicional herdada de seus antepassados, baseada na existência de uma sociedade igualitária, onde os meios de sobrevivência eram divididos entre os comunitários e as relações sociais se estabeleciam na ajuda a quem precisava. Esse modo de vida ainda hoje pode ser observado na comunidade de Santa Rita de Cássia, onde o meio natural ainda é respeitado pelos antigos moradores que guardam os bons costumes e sabem lidar com a natureza sem agredi-lá.

O trabalho do dia-a-dia dos moradores da referida comunidade tem características peculiares do homem rural: levantar cedo com o cantar do galo, às quatro horas da manhã; locomover-se de um lugar a outro através de cascos, canoas ou bajaranas e caminhar em trilhas para chegar a seus roçados, onde produzem o sustento para suas famílias.

Para se deslocarem à sede do município se utilizam principalmente do barco regional (ou barco de linha), transporte mais usado na região, como mostra o gráfico 01. Aqueles que possuem (11%) utilizam a *rabeta* (canoas de madeira aparelhadas com um pequeno motor de propulsão).

Outros se utilizam de *bajara*, caracterizado como meio de transporte alternativo, constitui-se de um pequeno barco de madeira com motor de centro. Nesse caso, a utilização desse transporte é motivado pelo seu retorno no mesmo dia, enquanto que em barco de linha esse sai em um dia e retorna no outro.

O transporte de caminhão é pouco utilizado (3%), devido, principalmente, a pouca frequência do mesmo na Comunidade. Poucos se aventuram na estrada de chão batido, tortuosa e acidentada.

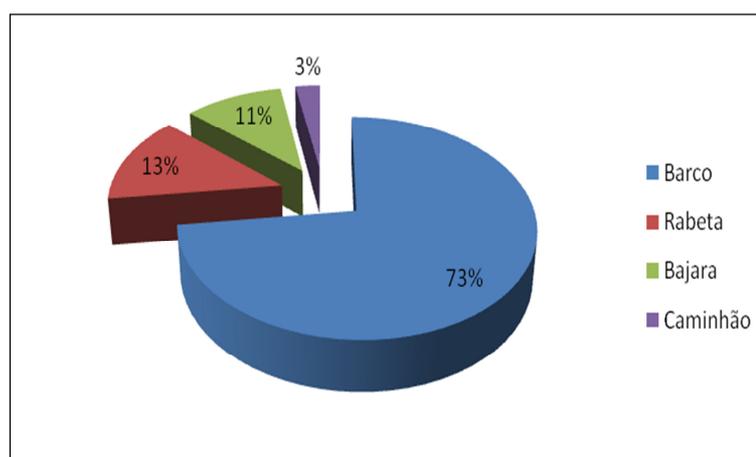


Gráfico 1: Transporte mais utilizado pelos moradores da comunidade de Santa Rita

O homem rural não é um trabalhador assalariado, é autônomo e vive do seu próprio sustento, pois apenas alguns são funcionários públicos. Todavia, apesar de serem poucos reconhecidos como cidadãos importantes também para a manutenção das cidades, o homem do campo ajuda no desenvolvimento das mesmas, através do escoamento de sua produção agrícola, abastecendo os mercados para o consumo da população desses centros urbanos. Santos (2007, p. 41) destaca essa ausência de cidadania, segundo ele

A cidadania que falta não é apenas urbana, mas também, e sobretudo, a cidadania rural, para a qual contribuem conjuntamente o mercado e o Estado. O homem do campo brasileiro, em sua grande maioria, está desarmado diante de uma economia cada vez mais modernizada, concentrada e desalmada.

O autor descreve aqui que a cidadania não deve ser apenas urbana mais também rural, pois o direito á cidadania é para todos. O homem do campo, todavia, ainda sofre com a falta de uma infraestrutura condizente com sua realidade e que permita escolher o modo de vida que deseja e possibilite a fixação deste nessa área.

Os moradores da comunidade de Santa Rita, de forma democrática, elegem um presidente a cada dois anos que assume a responsabilidade de buscar melhorias e cuidar dos interesses sociais, políticos, culturais e econômicos da sociedade local. O presidente da comunidade, e toda a sua diretoria, não recebem nenhuma remuneração, o seu trabalho é voluntário.

No lado social, a Igreja católica com sua festa religiosa reúne outras comunidades próximas como Betel, Bate-semis, São Paulo da Valéria, Murituba e Paraná de Parintins, promovendo torneios de futebol, bingos, brincadeiras, leilões, desfile de bonecas vivas etc. Essa festa acontece no mês de maio.



Figura 2: Campo de futebol
Fonte: Afonso Xavier/ Pesquisa de Campo, Mar/2011



Figura 3: Igreja de Sta Rita de Cássia
Fonte: Afonso Xavier/ Pesquisa de Campo, Mar/2011

4. COMUNIDADE RURAL: PADRÃO URBANO E MODO DE VIDA URBANA

Apesar das dificuldades de acesso à cidade e serviços públicos, a comunidade da zona rural Santa Rita de Cássia já evidencia problemas como alcoolismo, violência e problemas ambientais relacionado com aumento de resíduos sólidos produzidos pelos moradores da localidade.

Hoje é comum encontrar na casa dos moradores eletrodomésticos, eletroeletrônicos e outros produtos tecnológicos, dando a entender que a vida urbana tem certo poder de influência, passando a transformar os espaços de seu entorno de acordo com seus interesses. Isso se concretiza com a introdução de produtos industrializados, telefonia móvel, parabólicas, energia elétrica, correios, água encanada e outros. Com a chegada das novas tecnologias na comunidade, até mesmo a alimentação mudou bastante passando da farinha com peixe para o arroz com feijão e carne. Santa Rita respira ares de pequena cidade e os moradores sentem-se como urbano, comprovado a partir das explicações dadas pelos moradores nas suas entrevistas.

Os comunitários que moram no local são influenciados pelo excesso de consumo resultado do modo de vida urbano, promovendo assim o consumo excessivo de produtos industrializados, sem conseguir encontrar um fim para os resíduos que não são reaproveitáveis. A maioria dos entrevistados sobre o destino dos resíduos sólidos, respondeu que queimam o lixo (86%). Portanto surge na comunidade uma preocupação ambiental que antes não existia, fazendo com que os moradores se sensibilizem e busquem alternativas possíveis para o destino final desses resíduos com sua queima. Todavia, essa não é a melhor solução e é possível que uma solução adequada ainda vá demorar (gráfico 2).

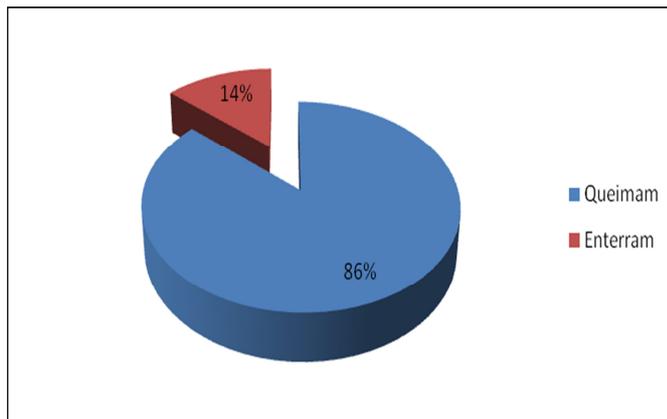


Gráfico 2: Destino final dos resíduos sólidos produzidos pelos moradores

5. O USO DO SOLO NA COMUNIDADE

Na comunidade, os terrenos são utilizados conforme a necessidade dos moradores, sendo usados mais comumente para construção das moradias e plantar árvores frutíferas. Os moradores não podem de maneira alguma vender os terrenos nem as plantas sendo que, quando os moradores não querem mais morar na comunidade somente tiram ou vendem a casa. Por outro lado, as terras da área de assentamento (chamadas, também, de “colônia”) são aproveitadas para a agricultura de subsistência, como plantio de mandioca, banana, milho e entre outros pelos moradores.

Nesse sentido, foi observado que o principal agente que intensifica a transformação socioespacial da comunidade de Santa Rita da Valéria é a entidade religiosa, representada pela Diocese de Parintins, mas na parte das terras destinadas para o plantio é a entidade pública, no caso o federal, responsável pelo projeto de assentamento, o INCRA.



Figura 4: Moradia de madeira
Fonte: Afonso Xavier/Pesquisa de Campo, Mar/2011



Figura 5: Moradia em alvenaria
Fonte: Afonso Xavier/Pesquisa de Campo, Mar/2011

No gráfico a seguir, pode-se notar que 51% dos moradores da comunidade de Santa Rita utilizam a agricultura (51%) como forma de atividade, seguido da pesca (16%), outra atividade bastante comum realizada pelos moradores da zona rural.

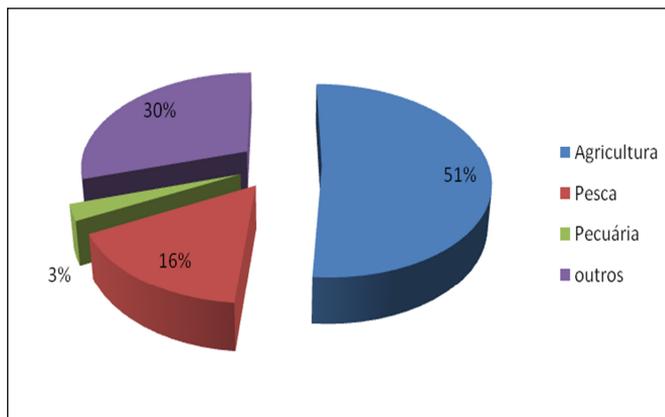


Gráfico 3: Principal atividade econômica da comunidade de Santa Rita

Vale ressaltar que, as atividades exercidas pelos moradores de Santa Rita são todos de subsistência, pois a falta de apoio da iniciativa pública os obriga a trabalhar apenas para seu sustento. Cabendo ressaltar que uma pequena parte da produção, agrícola ou de pesca, é comercializada para que o produtor possa comprar outros produtos que não produz. Além disso, o avanço de barcos pesqueiros comerciais paraenses preocupa as autoridades locais, principalmente os comunitários.

6. TURISMO E COMUNIDADE

Compreendendo a geografia como uma ciência que tem como objetivo de estudo o espaço geográfico e considerando que o turismo está cada vez mais presente, modificando, transformando criando e consumindo, paisagens, lugar e território, é preciso entender esse fenômeno para compreender as implicações sócioespaciais do turismo na comunidade.

Segundo Xavier (2007), assim como a geografia, o turismo tem uma óptica espacial. A geografia inclui o turismo como atividade organizadora e transformadora do espaço geográfico. Estudar o turismo significa realizar um estudo multidisciplinar, pois recebe contribuições de diversas áreas.

A conseqüente profissionalização e a supersegmentação da demanda, o uso de novas tecnologias, as precauções com o meio ambiente, a globalização dos mercados, em geral as transformações políticas e econômicas, apenas iniciais no mundo do turismo, respondem pela necessidade de discutirmos a integração da geografia com o turismo (XAVIER, 2007, p 21).

Na comunidade de Santa Rita de Cássia, muitas pessoas dedicam parte do seu tempo na fabricação de artesanato, visto que, durante cinco meses do ano (de novembro a março), turistas de todas as regiões do planeta visitam a comunidade e compram artesanato e saem passeio no lago da comunidade em pequenas canoas. Essa atividade deixa uma renda extra para essas famílias que recebem, geralmente, em moeda americana, o dólar.

Segundo Azevedo Filho (2013), nas comunidades da Valéria, a discussão de um turismo que envolva toda a comunidade (turismo de base comunitária) ainda não foi realizada, persistindo um distanciamento entre as comunidades envolvidas e os interesses pessoais e de grupos. Ressalta que a existência de conflitos diversos podem ser notados no acompanhamento das diversas atividades de preparação e realização do receptivo turístico que acontece na região. No entanto é possível perceber iniciativas de alguns grupos, organizados em associação, de tentar discutir, principalmente com as universidades e o poder público, e que caminhem para um turismo mais organizado e em base comunitária (AZEVEDO FILHO, 2013, p.172).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado trata-se das mudanças e influências socioespaciais ocorridas nos últimos anos na comunidade de Santa Rita de Cássia da Região da Valéria, é possível perceber a partir da pesquisa um lento processo de desenvolvimento da comunidade. A chegada da energia elétrica, trouxe grandes vantagens para os moradores que passaram a utilizar aparelhos eletrodomésticos e eletroeletrônicos para sua comodidade, como geladeiras, freezer, televisão etc. Todavia, cada vez mais são consumidos produtos industrializados, como nas áreas urbanas, o que vem gerando mudanças nos padrões alimentares e novos problemas ambientais e de saúde.

O uso do solo gerenciado pela Diocese estimula o aparecimento de mais famílias advindas de outras comunidades rurais vizinhas e a falta de uma educação de qualidade e de mais programas sociais voltados para os jovens, faz com que os mesmos sejam influenciados a migrarem para as grandes cidades, onde possam realizar suas desejos e sonhos.

Segundo o relato dos moradores entrevistados, a renda assumida pelos mesmos recai sobre o salário mínimo, até menos de um salário foi citado. Os mesmos afirmam que o dinheiro “é razoável”, apontando para simplicidade dos mesmos e do seu modo de vida. Mesmo sendo assim, há aqueles que buscam novas alternativas de atividades econômicas para complementar sua renda e suprir as atuais exigências de consumo das famílias.

É possível pensar num melhor aproveitamento da energia elétrica na Comunidade como, a implantação de pequenas oficinas de móveis para o aproveitamento de madeiras que muitas vezes, nas derrubadas dos roçados, se perdem na queima; melhorias na produção de farinha para reduzir a carga de trabalho.

A Comunidade precisa de um incentivo para a produção agrícola com apoio técnico para o transporte até Parintins, além de melhorias nos ramais e nas estradas

que leva até à Vila Amazônia, para que essa produção chegue com mais rapidez ao consumidor.

Não é de hoje que se reclama a instalação de um posto de saúde na comunidade.

Pelo lado econômico é necessário que os programas dos Governos Federais e Estaduais de incentivo a permanência do homem no campo, aprovo com incentivos e fomento à produção agrícola, novas tecnologias, estímulo aos jovens com uma educação para o campo, para que as atuais e as futuras gerações possam se fortalecer como tais e manter sua cultura, com os bons costumes e velhos hábitos do caboclo.

Nesse sentido, a preservação de Pontos de Memórias (banco da praça, campo de futebol, a canoa de pesca, onde moradores se encontram para troca de experiência e lembranças) servirá como fonte de pesquisa e informações a toda comunidade conhecendo sua origem e entendendo o processo de transformação e ocupação do espaço vivido pelo homem rural.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO FILHO, João D'Anuzio M. de. **A produção e a percepção do turismo em Parintins, Amazonas**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re)Produção do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4 Ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- SANTOS, Milton. **O espaço do Cidadão**. – 7 ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- SILVA, Charlene Maria M. da. **Mocambo, Caburi e Vila Amazônia no município de Parintins: múltiplas dimensões do rural e do urbano na Amazônia**. - Manaus: UFAM, 2009.
- SILVA, Adriana Gomes; FONSECA, Antonio P. ; SOUZA, Amecy Bentes. Sítios arqueológicos e patrimônios culturais da serra da Valéria: um estudo etno-histórico

da identidade local.. In: **61ª Reunião Anual da SBPC, 2009 (Anais...)**, Manaus. Amazônia. Ciência e Cultura. São Paulo: SBPC, 2009. v. 61.

XAVIER, Herbe. **A Percepção Geográfica do Turismo**. São Paulo: Aleph,2007.

FERREIRA. Artur Cesar R. **As Origens de Parintins**. Editora Sergio Cardoso-AM.s/d